Casos & .Causos
Por Nestor Leme

Histórias ao redor do fogão a lenha

Símbolo de uma época, o fogão a lenha aquecia não só as casas, mas também as histórias e tradições de muitas famílias | *W. Rosa*

Antigamente, na maioria das cozinhas das casas, reinava um fumegante fogão aquecido a lenha. Eram fogões revestidos de vermelhão, outros mais "chiques", revestidos de azulejos, e alguns mais simples, apenas com reboco caiado.

Fogões abastecidos a gás liquefeito, que substituíram os antigos fogões a lenha, só surgiram em Serra Negra na década de cinquenta, numa loja de eletrodomésticos que Girolano Cornago abriu no Edifício Helvetia. Lá, ele vendia fogões a gás da marca Dako, que, com certeza, povoavam os sonhos das donas de casa daquele tempo.

O agravante era que os primeiros fogões a gás custavam caro, causavam temor nas pessoas e, além disso, exigiam a compra dos bujões para abastecimento. A situação só começou a mudar quando os prédios de apartamentos passaram a ser construídos, e, nesses, quem ia morar precisava adquirir um fogão a gás.

Na nossa velha casa na Rua Visconde, havia um antigo fogão a lenha, construído por meu bisavô materno. Era revestido de barro e caiado de branco, com uma chaminé feita de manilhas de barro, e o teto da cozinha era coberto de picumãs, como na maioria das casas daquele tempo.

Meu pai era quem levantava cedo para fazer o café matinal: acendia o fogo, colocava a água para ferver e saía para buscar o pão. Quando voltava, coava o café e, em seguida, já colocava o caldeirão de feijão para cozinhar. Nós, que levantávamos depois dele, ficávamos incumbidos de manter o fogão aceso.

Em 1959, minha irmã Eloisa se casou e foi morar em Teresópolis, RJ. Lá, o cunhado Hermann comprou um apartamento que já vinha com um fogão a gás. Como eles já possuíam um fogão maior, enviaram o outro de presente à nossa mãe.

Porém, a lenha consumida em nossa casa era conseguida por meu pai, que, nas horas de folga, saía para lenhar pelas redondezas da cidade ou trazia, do seu serviço de ajudante de pedreiro, restos de tábuas que sobravam para queimar no fogão.

Assim, o fogão a gás ficou lá, esquecido por muito tempo, até que, num dia de muita chuva, a lenha estava úmida e ele não conseguia avivar o fogo. Ouvindo seus resmungos, levantei-me, fui até a cozinha e lhe falei sobre o fogão a gás. Ele saiu para buscar o pão e, quando voltou, o café já estava pronto. Foi só assim que ele aderiu à novidade.

Em casa, meu pai providenciava a lenha, mas, na maioria das casas, o abastecimento era feito por carroças puxadas por burros, cujos carroceiros jogavam a lenha sobre a calçada, deixando ao freguês o trabalho duro de recolhê-la.

Nesse tempo, tínhamos como vizinha Dona Cida Chaparro, e ela tinha como freguês costumeiro para "filar" comida o folclórico personagem chamado Gila. Ele sempre vestia uma camisa, um surrado paletó preto onde pendurava vários alfinetes com medalhas de santos, chapéu de palha, calças e alpargatas. Era um "gira-mundo" que chegava nas casas justamente na hora do almoço, serrava um prato de comida e caía fora.

Certo dia, o visitante chegou à casa da Dona Cida e, vendo o fogão ainda apagado, perguntou sobre o atraso da comida. Ela respondeu que estava sem lenha para acender o fogo e que justamente esperava por ele para recolher a lenha e poder cozinhar o almoço. Ouvindo aquilo, o Gila — vagabundo que era — saiu furioso da casa, resmungando:

"Eu não vim para trabalhar, vim para comer, e não vou recolher lenha coisa nenhuma!"

Na história da nossa família existiram vários fogões a gás, mas nenhum deles é mais lembrado do que o velho fogão a lenha da Rua Visconde, ao redor do qual nos sentávamos para nos aquecer nas noites frias de inverno — onde eram contadas essas histórias antigas, que até hoje povoam nossas recordações...

Crônicas do .Dia a Dia
Por Gulda Gerosa

Você aí, se acha especial?

Muita gente por aí se acha especial. Você é um deles? Todos os psicólogos dizem que temos que trabalhar a autoestima, mas acredito que exista uma diferença entre graus diferentes de autoestima. Pessoas que têm esse sentimento em equilíbrio são maravilhosas, são incríveis, são nobres, simpáticas e agradáveis. Doam-se aos outros, escutam, respeitam as pessoas como elas são e, normalmente, são empáticas e preocupam-se com o bem-estar de todos. Conheço muita gente que é assim. Mas também conheço pessoas que têm baixa ou super alta "autoestima".

Os que têm baixa autoestima se sentem sem confiança, incapazes e incompetentes e quanto mais se sentem assim, mais agem como se fossem mesmo inaptos, e seus sentimentos negativos aumentam sempre. Não se sentem capazes de realizar as coisas e, com isso, acabam perdendo inúmeras oportunidades de crescimento na vida e vão prejudicando o próprio desenvolvimento.

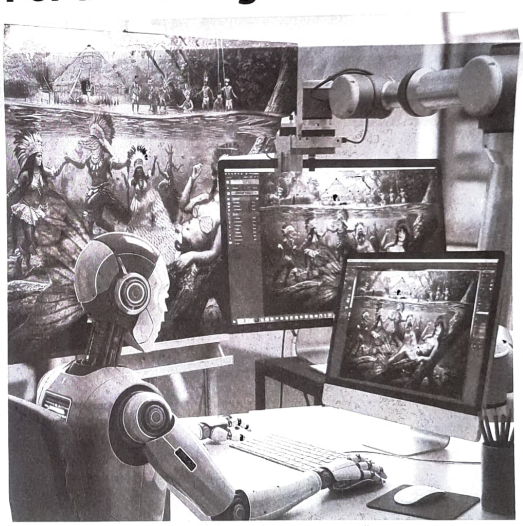
Já aqueles que têm autoestima em excesso, se tornam arrogantes, egoístas, soberbas e narcisistas. A principal característica de quem tem uma super autoestima é acreditar que os seus desejos devem estar sempre à frente dos desejos dos outros, não importando quais sejam as circunstâncias. As pessoas se tornam mesquinhas e causam desgostos a quem convive com elas.

Tudo começa lá na infância. Chegamos a esse mundo inseguros, bebezinhos, e com muito medo de tudo, sem saber de nada e, conforme o tempo vai passando, tudo vai depender de como somos cuidados. Da segurança que nos passam, do amor, e ao mesmo tempo dos limites, pois os limites também são muito importantes para a formação de uma autoestima saudável.

Quando você se achar especial, lembre-se que todos somos iguais, independente de cor, raça, beleza, fama, status social, condição financeira. Tudo vai depender de como você vai passar sua vida. A autoconfiança é a capacidade que temos de confiar em nós mesmos. Sinta-se seguro de suas habilidades, sem que isso te torne arrogante. Quando estamos numa fila ou no trânsito, devemos lembrar que todos querem o mesmo. Se você passar na frente é porque se acha melhor que o outro. Respeito faz com que, mesmo se sentindo importante, entenda que somos todos iguais.

Cultura .e Vida
Por Henrique Vieira Filho

Por trás do digital, o criador



A internet é que me copia | *Henrique Vieira Filho*

Recentemente, na Escola Estadual Profa. Maria do Carmo de Godoy Ramos, durante a exposição das minhas obras, uma pergunta singela de uma criança me pegou de surpresa, mas trouxe uma reflexão profunda: "Você copiou da internet?". Por puro reflexo, a resposta veio rápida e instintiva: "A internet é que me copiou!".

Essa troca de palavras, aparentemente trivial, escancarou uma janela para o mundo onde nossas crianças e adolescentes estão imersos. Um mundo onde o digital muitas vezes se sobrepõe ao real, e onde a linha entre o que é gerado por máquinas e o que é criado por mãos humanas se torna tênue.

Para muitos daqueles jovens, estar diante de uma pintura original, sentir a textura da tela, ver a pincelada e, mais importante, conversar pessoalmente com o artista, era uma experiência inédita. A internet, com sua onipresença, molda suas percepções a ponto de imaginarem que a criação é um mero download, uma engenharia de dados, e não um sopro de alma!

Lembrei-me de uma excursão escolar ao Cirque du Soleil com minha filha Luiza. Artistas que desafiavam a gravidade em manobras de tirar o fôlego eram observados por uma plateia que, em muitos momentos, parecia entediada. Quase como se o real não pudesse competir com o CGI, com os efeitos especiais mirabolantes do cinema. A percepção de que a maravilha ali era "de verdade", suor, esforço e talento puro, parecia ofuscada pela ideia de que, na tela, seria "ainda mais incrível".

Esse debate, essa percepção do real versus o digital na arte, foi exatamente o cerne das discussões no Workshop "Arte e Tecnologia" e o Curso de AD - Audiodescrição com auxílio de IA - Inteligência Artificial, que tive a satisfação de conduzir neste último fim de semana na Residência Artística. Ali, pudemos explorar como a inteligência artificial, essa ferramenta poderosa, tem revolucionado processos criativos. Ela é, sem dúvida, uma aliada fantástica, capaz de assumir tarefas repetitivas e otimizar o tempo do artista, liberando-o para o que realmente importa: a concepção, a visão, a essência criativa que só a mente humana pode gerar.

É fundamental que nossas crianças e jovens compreendam essa distinção. A IA facilita, otimiza e expande, mas não substitui a faísca original. Muitas das obras digitais que tanto admiram, e que os algoritmos propagam pela internet, não foram feitas "pela" IA, e sim "com" a IA. Por trás de cada pixel, cada linha de código ou cada sugestão algorítmica, existe um artista - um ser humano com suas experiências, suas emoções e sua visão de mundo, que alimenta, direciona e molda a ferramenta.

A tecnologia é um pincel moderno, um novo estúdio, mas a alma da arte continua residindo em quem a empunha. Que sigamos mostrando à nossa juventude a beleza do fazer artístico, a alegria do encontro real e a verdade de que, no fim das contas, é a internet que sempre nos copia!

AM 1430 KHZ
RÁDIO SERRA NEGRA
13h às 19h - Super Tarde com o Comunicador Pedro Giovani,
39 anos falando no seu rádio!
14h30 - Repórter Policial
16h30 - Especial Super Tarde 2
17h00 - Ranchinho da Saudade - sertanejo
Classe A, com o curral dos animais e a visita dos passarinhos na janela do Ranchinho
18h00 - Ave Maria
OUÇA - www.radioserranegra.com.br
Ligue: (19) 3892-1125

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
serralheriamenegatti@gmail.com
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

Por trás do digital, o criador

A internet é que me copia | *Henrique Vieira Filho*

Recentemente, na Escola Estadual Profa. Maria do Carmo de Godoy Ramos, durante a exposição das minhas obras, uma pergunta singela de uma criança me pegou de surpresa, mas trouxe uma reflexão profunda: "Você copiou da internet?". Por puro reflexo, a resposta veio rápida e instintiva: "A internet é que me copiou!".

Essa troca de palavras, aparentemente trivial, escancarou uma janela para o mundo onde nossas crianças e adolescentes estão imersos. Um mundo onde o digital muitas vezes se sobrepõe ao real, e onde a linha entre o que é gerado por máquinas e o que é criado por mãos humanas se torna tênue.

Para muitos daqueles jovens, estar diante de uma pintura original, sentir a textura da tela, ver a pincelada e, mais importante, conversar pessoalmente com o artista, era uma experiência inédita. A internet, com sua onipresença, molda suas percepções a ponto de imaginarem que a criação é um mero download, uma engenharia de dados, e não um sopro de alma!

Lembrei-me de uma excursão escolar ao Cirque du Soleil com minha filha Luiza. Artistas que desafiavam a gravidade em manobras de tirar o fôlego eram observados por uma plateia que, em muitos momentos, parecia entediada. Quase como se o real não pudesse competir com o CGI, com os efeitos especiais mirabolantes do cinema. A percepção de que a maravilha ali era "de verdade", suor, esforço e talento puro, parecia ofuscada pela ideia de que, na tela, seria "ainda mais incrível".

Esse debate, essa percepção do real versus o digital na arte, foi exatamente o cerne das discussões no Workshop "Arte e Tecnologia" e o Curso de AD - Audiodescrição com auxílio de IA - Inteligência Artificial, que tive a satisfação de conduzir neste último fim de semana na Residência Artística. Ali, pudemos explorar como a inteligência artificial, essa ferramenta poderosa, tem revolucionado processos criativos. Ela é, sem dúvida, uma aliada fantástica, capaz de assumir tarefas repetitivas e otimizar o tempo do artista, liberando-o para o que realmente importa: a concepção, a visão, a essência criativa que só a mente humana pode gerar.

É fundamental que nossas crianças e jovens compreendam essa distinção. A IA facilita, otimiza e expande, mas não substitui a faísca original. Muitas das obras digitais que tanto admiram, e que os algoritmos propagam pela internet, não foram feitas "pela" IA, e sim "com" a IA. Por trás de cada pixel, cada linha de código ou cada sugestão algorítmica, existe um artista - um ser humano com suas experiências, suas emoções e sua visão de mundo, que alimenta, direciona e molda a ferramenta.

A tecnologia é um pincel moderno, um novo estúdio, mas a alma da arte continua residindo em quem a empunha. Que sigamos mostrando à nossa juventude a beleza do fazer artístico, a alegria do encontro real e a verdade de que, no fim das contas, é a internet que sempre nos copia!